

INFORMAÇÕES ÚTEIS

S.O.S.	tel.: 112
CENTRO HOSPITALAR DO ALTO AVE – UNIDADE DE GUIMARÃES	tel.: (+351) 253 540 330
HOSPITAL DA LUZ GUIMARÃES	tel.: (+351) 253 420 300
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS	tel.: (+351) 253 515 444
CÂMARA MUNICIPAL	tel.: (+351) 253 421 200
POLÍCIA MUNICIPAL	tel.: (+351) 253 421 222
P.S.P.	tel.: (+351) 253 540 660
G.N.R.	tel.: (+351) 253 422 575
ESTAÇÃO C.P.	tel.: 707 210 220
TÁXIS Associação de Táxis Unidos Central de Táxis de Guimarães Guimarães Táxis Invicta	tel.: (+351) 253 525 252 tel.: (+351) 253 513 535 tel.: (+351) 253 520 800
GET BUS (AEROPORTO> GUIMARÃES>AEROPORTO)	tel.: (+351) 253 262 371
COMÉRCIO segunda a sexta:	9:00h > 13:00h 15:00h > 19:00h
sábado:	9:00h > 13:00h
FARMÁCIAS	24 horas
FEIRA SEMANAL	sexta-feira
RÁDIO FUNDAÇÃO	FM 95.8 mhz
RADIO SANTIAGO	FM 98.0 mhz

Distribuição Gratuita

Edição 2019



MUNICÍPIO DE
GUIMARÃES



património mundial
world heritage

POSTO DE TURISMO DA PRAÇA DE S. TIAGO
LOJA INTERATIVA DE TURISMO
Praça de S. Tiago
4810-300 Guimarães
telef. | (+351) 253 421 221
fax | (+351) 253 515 134
email | info@guimaraesturismo.com
site | www.guimaraesturismo.com

POSTO DE TURISMO DA RUA PAIO GALVÃO
Rua Paio Galvão, n.º 8 e 9
4810-426 Guimarães
telef. | (+351) 253 421 233
email | info@guimaraesturismo.com
site | www.guimaraesturismo.com

GUIMARÃES

GUIA DA CIDADE



património mundial
world heritage

INTRODUÇÃO

Na primeira metade do séc. X, o local onde hoje está implantada a cidade de Guimarães era uma propriedade rural – a Quintana de Vimaranes. Mas, a morte de um homem – o conde Hermenegildo – e a fé cristã de sua viúva – a condessa Mumadona, fizeram com que, na segunda metade do séc. X, esta rica condessa de origem galega ai resolvesse fundar um mosteiro – o Mosteiro de Santa Maria – e um castelo. O castelo foi construído com o fim de proteger o mosteiro das frequentes razias levadas a cabo por normandos, vindos do norte da Europa, e por muçulmanos, vindos das terras quentes do Sul.

Passaram os anos, o burgo cresceu e, no final do séc. XI, para aqui vêm residir D. Teresa, filha do rei D. Afonso VI de Leão, e seu marido, o Conde D. Henrique, nobre de origem francesa. Aqui, de acordo com a tradição, nasceu o filho varão de ambos – Afonso Henriques –, o qual, alguns anos depois, na primeira metade do séc. XII, se torna o primeiro rei de Portugal. Foi também em Guimarães que ocorreu a famosa Batalha de S. Mamede que opôs D. Afonso Henriques à sua mãe D. Teresa, e que foi um dos factos históricos que leva à independência de Portugal.

Perante os factos descritos, não admira que Guimarães seja considerada pelos portugueses como o berço da nacionalidade! Cidade única e especial, Guimarães distingue-se pelo seu património exemplarmente recuperado, pela sua dinâmica cultural e pelo sentimento de pertença da sua população residente. Se a recuperação e regeneração patrimonial levada a cabo leva a UNESCO, em 2001, a reconhecer o Centro Histórico de Guimarães como Património Cultural da Humanidade, a valorização da cultura como fator de desenvolvimento, por seu lado, fomenta a criação de uma rede de equipamentos culturais que colocam Guimarães em lugar de destaque na área das artes e dos espetáculos, nacional e internacionalmente. Capital Europeia da Cultura em 2012 e Cidade Europeia do Desporto em 2013, Guimarães apresenta-se hoje como um território aberto ao mundo e à contemporaneidade, com uma intensa tradição de diálogo e prática culturais. Atravessar as praças, e calcorrear as ruas e vielas da cidade, é poder sentir a experiência única do sentir vimaranense.

Bem-vindos!



GUIMARÃES A PÉ





1 CASTELO DE GUIMARÃES

MONUMENTO NACIONAL

O castelo de Guimarães foi mandado construir por ordem da Condessa Mumadona. O objetivo da fortificação era o de proteger o Mosteiro de Santa Maria das invasões normandas e sarracenas que então atingiam a Península Ibérica. Nos finais do séc. XI, o Conde D. Henrique dá ordens para que o castelo se construa. Mais tarde, no final do séc. XIII, por iniciativa do rei D. Dinís, a fortaleza é remodelada. Nos séculos seguintes, outros monarcas quiseram deixar a sua marca, submetendo o castelo a diversas obras de melhoramento. Mas, à medida que os séculos foram

passando, novas táticas bélicas fazem com que o castelo perca a sua função defensiva, entrando num estado de progressivo abandono e degradação. No séc. XX, o castelo é recuperado e posteriormente classificado como Monumento Nacional.

Tel. (+351) 253 412 273
pacodosduques.gov.pt



2 IGREJA DE S. MIGUEL
MONUMENTO NACIONAL

O simbolismo da Igreja de S. Miguel liga-se à fundação da nacionalidade e à tradição que diz aí ter sido batizado o rei D. Afonso Henriques. No interior, junto à pia batismal, está uma inscrição que pretende confirmar tal facto. O pavimento interior está lajeado com sepulturas de nobres guerreiros, todos eles ligados à fundação da nacionalidade. Com o passar dos tempos, a parte alta da vila – local onde está implantada a igreja – foi sendo progressivamente abandonada e com ela também a velha igreja de S. Miguel. No séc. XIX, Francisco Martins Sarmento, um ilustre vimaranense, dirige o restauro da igreja, procurando respeitar a traça original. A última intervenção de que foi alvo data do séc. XX. A Igreja de S. Miguel está classificada como Monumento Nacional.

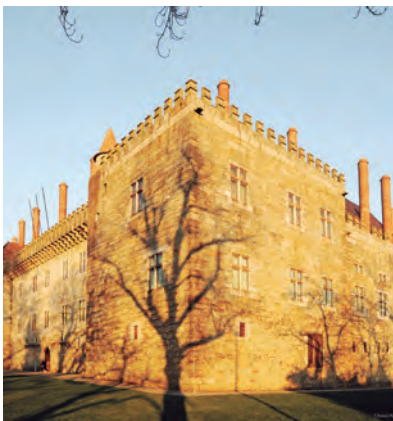
Tel. (+351) 253 412 273
pacodosduques.gov.pt

3 PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA

MONUMENTO NACIONAL

Datada da primeira metade do séc. XV, esta majestosa casa senhorial foi mandada construir por D. Afonso, filho bastardo de D. João I, 8º Conde de Barcelos e 1º Duque de Bragança, na altura um dos homens mais ricos e poderosos de Portugal. Foi neste paço que D. Afonso viveu com a sua segunda mulher, D. Constança de Noronha, conhecida como a Duquesa Santa. Acredita-se que, após ter enviuvado, se terá dedicado exclusivamente à vida religiosa e à assistência às populações mais pobres. Nessa altura, o paço ducal ter-se-á transformado num imenso albergue permanentemente aberto aos mais necessitados. O edifício, que passou por um longo período de abandono, alberga atualmente um dos museus mais visitados do país, apresentando um espólio diversificado de artes decorativas dos sécs. XVII e XVIII. Das várias coleções, destacam-se o conjunto de réplicas de tapeçarias de Pastrana – cujo desenho é atribuído ao pintor Nuno Gonçalves e que narram alguns episódios das conquistas do norte de África –, as tapeçarias flamengas e francesas de Aubusson, a coleção de três tapetes orientais Salting, as porcelanas orientais – com destaque para as da Companhia das Índias –, as faianças portuguesas das principais fábricas da época, pinturas, mobiliário diverso e um conjunto de armas. O Paço dos Duques de Bragança é, desde 1910, classificado como Palácio Nacional e residência oficial da Presidência da República.

Tel. (+351) 253 412 273
pacodosduques.gov.pt





4 PERCURSO MUSEOLÓGICO NO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS

O Percurso Museológico no Convento de Santo António dos Capuchos foi criado pela Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, em 2008, como resultado da preocupação pela conservação e valorização do seu património artístico e cultural. Situado em plena Colina Sagrada, o percurso ocupa o espaço dum convento construído no séc. XVII. Em 1842, o edifício é adquirido pela Misericórdia que aí instalar o seu hospital. O percurso é uma oportunidade para conhecer o património móvel da instituição e os corredores, pátios e claustro do imponente edifício. A igreja do convento e a sua magnífica sacristia, do séc. XVIII, podem também ser visitadas.

Tel. (+351) 253 541244
scmguimaraes.com



5 CONVENTO DE SANTA CLARA

O Convento de Santa Clara foi mandado construir, no séc. XVI, pelo Cónego Baltazar de Andrade. Foi um dos conventos mais importantes e ricos de Guimarães, tornando-se famoso pelos deliciosos doces que as freiras confeccionavam e vendiam. De entre estes, o destaque vai para o toucinho do céu e para as tortas de Guimarães, doces que ainda hoje se degustam nas pastelarias mais tradicionais da cidade. A fachada barroca do edifício tem, num nicho sobre o portal, a figura da padroeira. A coroa-la, dois serafins seguram uma cartela com a inscrição do ano em que a fachada atual do edifício foi construída, 1741. O convento foi abandonado em 1834, ano em que são extintas as ordens religiosas. Em 1891, foi aí instalado o seminário de Nossa Senhora da Oliveira. Desde 1975, o edifício acolhe os serviços da Câmara Municipal de Guimarães.

Tel. (+351) 253 421200
www.cm-guimaraes.pt

6 RUA DE SANTA MARIA

A medieval Rua de Santa Maria é uma das mais antigas de Guimarães. O seu papel na história da cidade é da maior importância pelo facto do seu traçado ter servido como via de comunicação entre a Vila do Mosteiro e a Vila do Castelo. A rua foi, durante séculos, habitada por clérigos, nobres e gente de prestígio, como são exemplo os cônegos da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, tornando-se numa rua de elite. Como todas as ruas medievais, terá sido uma rua escura, atravancada e suja, onde os avisos de “água vai” seriam uma constante. Hoje, é uma das artérias mais bonitas e típicas do centro histórico, e nela, a par de grandes habitações — algumas brasonadas e com varandas com ferros forjados —, podemos encontrar casas simples, mas enriquecidas com belas varandas de madeira.





7 PRAÇA S. TIAGO

Segundo a tradição, uma imagem da Virgem Santa Maria, trazida pelo apóstolo S. Tiago, foi colocada num largo. É por esse motivo que esta praça bastante antiga, que conserva ainda a sua traça medieval, se chama Praça de S. Tiago. No séc. XI, os Francos que acompanharam o Conde D. Henrique fundam aí uma capela dedicada ao santo. No séc. XVII, o templo é demolido e substituído por um outro, do qual também não sobram vestígios. Mais tarde, para recordar estas pré-existências, é gravada no pavimento uma vieira – lembrando S. Tiago – e as primeiras palavras latinas da Carta de Foral, concedida pelo Conde D. Henrique aos homens de Guimarães: “A vós homens que viestes povoar Guimarães e àqueles que aqui queiram habitar...”. [“Ad vos homines qui venistis populare in Vimarenis et ad illos qui ibi habitare voluerint...”].



8 ANTIGOS PAÇOS DO CONCELHO

MONUMENTO NACIONAL

Por cima das arcadas que ligam a Praça de S. Tiago ao Largo da Oliveira, encontra-se o edifício dos Antigos Paços do Concelho. Neste edifício tomavam assento os homens que governavam a cidade. A sua construção ter-se-á iniciado no séc. XIV, prolongando-se até meados do séc. XV, época em que reinava D. Afonso V. Entre os sécs. XVI e XVIII, o edifício é alvo de várias reconstruções e reformas. Mais tarde, em 1877, é colocada na sua fachada a escultura de um guerreiro proveniente do antigo edifício da Alfândega. Segundo a tradição, este guerreiro simboliza o duplo contributo dos vimaranenses nas conquistas em África.



9 LARGO DA OLIVEIRA

A lenda diz que terá sido um milagre o responsável por este largo se chamar Largo da Oliveira. Uma oliveira, plantada em frente à Igreja de Santa Maria de Guimarães, terá secado. É em 1342 que a árvore volta a dar folha e fruto, quando Pero Esteves, um comerciante vimaranense radicado em Lisboa, manda colocar no espaço uma cruz normanda. A notícia espalha-se como um milagre devido a Santa Maria. Desde essa altura, o largo passa a chamar-se Largo da Oliveira. Consequentemente, a virgem passa a chamar-se Nossa Senhora da Oliveira e a igreja, Igreja de Oliveira. A oliveira permanece na praça até 1870, ano em que, contra a vontade do povo vimaranense, é removida. Só em 1985, ano da última intervenção no largo, é de novo colocada uma oliveira no local onde supostamente estaria inicialmente. Na base de pedra onde está plantada encontram-se inscritos os três anos mais importantes da sua história: 1342, 1870 e 1985.





10 IGREJA DA NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA
MONUMENTO NACIONAL

As origens da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira remontam aos tempos da Condessa Mumadona Dias e à fundação da cidade de Guimarães. O mosteiro em honra do Salvador do Mundo, da Virgem Santa Maria e dos Santos Apóstolos que a Condessa Mumadona manda construir no séc. X, dá origem, no séc. XII, a uma colegiada. Durante a idade Média, a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira transforma-se num popular centro religioso da Península Ibérica, fruto da popularidade juntos dos peregrinos a Santiago de Compostela. Aquando a instauração da república, em 1911, a colegiada extingue-se. O edifício vai sofrendo, ao longo dos tempos, sucessivas reconstruções, motivo pelo qual apresenta características de diferentes épocas e estilos. A última intervenção, que data de 1967, restituiu-lhe grande parte da influência gótica que ainda hoje mantém, depois de, em 1830, ter sido alvo de uma reforma neoclássica. A Igreja de Nossa Senhora da Oliveira é, sem dúvida, um dos monumentos vimaranenses de maior relevo histórico.

Tel. (+351) 253 416 144



11 PADRÃO DO SALADO
MONUMENTO NACIONAL

O Padrão do Salado, de estilo gótico, comemora, de acordo com a tradição, a Batalha do Salado travada em 1340 contra os mouros, no sul de Espanha. Nesta batalha, Afonso XI de Castela solicitou apoio ao rei português Afonso IV. Debaixo do padirão encontra-se a cruz normanda oferecida pelo negociante vimaranense Pero Esteves, residente em Lisboa. A cruz, feita em calcário, foi inicialmente dourada e policromada. Tem numa face Cristo Crucificado e na outra a Virgem. Na base, apresenta imagens de santos.



12 MUSEU DE ALBERTO SAMPAIO



Tel. (+351) 253 423 910
www.culturanoorte.pt

O Museu de Alberto Sampaio, criado em 1928 para albergar as coleções da extinta Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira e de outras igrejas e conventos da região de Guimarães, então na posse do Estado, situa-se em pleno Centro Histórico, no exato local onde, no séc. X, a condessa Mumadona manda instalar o mosteiro à volta do qual se expandiria o burgo vimaranense. Pelo facto de ocupar o espaço que pertencia à Colegiada, têm um grande valor histórico e artístico, como o provam o claustro e as salas medievais que o envolvem, a antiga Casa do Priorado e a Casa do Cabido. As suas importantes coleções de escultura (arquitetural, de vulto e tumulária), cobrem os períodos medieval e renascentista, prolongando-se até ao séc. XVIII. Da sua coleção de ourivesaria, uma das melhores do país, destacam-se o cálice românico de D. Sancho I, a imagem de Santa Maria de Guimarães (séc. XIII), as cruzes processionais, e o magnífico retábulo gótico de prata dourada representando a Natividade, de finais do séc. XIV. Merecem ainda lugar de destaque o loudel que D. João I vestiu na batalha de Aljubarrota, o fresco do séc. XVI representando a Degolação de S. João Batista, a coleção de pintura dos sécs. XVI a XVIII, a talha maneirista e barroca, os paramentos bordados, a azulejaria e a faiança.



13 CASA DA RUA NOVA

Sabe-se que a Casa da Rua Nova, no número 115 da Rua Egas Moniz, tem origem remota, ainda que não seja possível precisar com exatidão a data da sua construção. O projeto de restauro desta casa, da autoria do arquiteto Fernando Távora, recebeu o Prémio Europa Nostra, em 1985. A obra teve um caráter exemplar, constituindo-se num ato pedagógico e num incentivo para as recuperações que foram acontecendo ao longo de vários anos no centro histórico da cidade, o que lhe valeu, em 2001, a classificação pela UNESCO de Património Cultural da Humanidade. O critério utilizado na recuperação foi o de consolidar a sua estrutura, sem alterar a sua organização interna. Para o efeito, utilizou-se mão de obra local e materiais e técnicas tradicionais, de modo a obter as unidades construtiva, formal e ambiental.



14 IGREJA DA MISERICÓRDIA

Apesar de ter sido inaugurada apenas em 1606, a construção da Igreja da Misericórdia teve início em 1588. Um ano após a sua inauguração, em 1607, iniciaram-se obras de reconstrução da fachada que durariam até 1640. De planta longitudinal e fachada maneirista, a igreja apresenta na frontaria dois medalhões enquadrados por duas colunas e um nicho envidraçado com a escultura de Nossa Senhora da Misericórdia. No interior, de nave única e capela-mor retangulares, e de cobertura em abóbada de berço revestida a estuque, sobressaem o retábulo-mor, datado de finais do séc. XVIII, os púlpitos de 1781 e a caixa do órgão ibérico. Do espólio, destacam-se duas pinturas de grandes dimensões: uma sobre tela, representando Nossa Senhora da Misericórdia, e outra sobre madeira, datada de 1616, representando a Visitação.

Tel. (+351) 253 415 457



15 LARGO DO TOURAL

Hoje considerado o coração da cidade, o Largo do Toural manteve, desde sempre, uma função social, constituindo-se como o ponto de encontro e de convívio das gentes de Guimarães. No séc. XVII, o Toural era um largo extramuros situado junto à principal porta da vila. O nome Toural deve-se ao facto de ter sido o local onde se realizavam a feira de gado bovino e as touradas. Na segunda metade do século, em 1878, o Toural, cercado por um gradeamento de ferro, transforma-se em jardim público. Com a implantação da República, o jardim público passa para outro local, sendo colocada no

centro do Toural a estátua de D. Afonso Henriques. Atualmente, o Toural é uma praça ampla que faz jus à sua magnífica fachada nascente, ao estilo pombalino, resultado da última intervenção, realizada em 2011. Esta intervenção fez também regressar ao largo um chafariz renascentista de três taças, originalmente colocado no Toural em 1583, que tinha sido transferido para o Largo Martins Sarmento, lá permanecendo entre 1873 e 2011.



16 BASÍLICA DE S. PEDRO

A Basílica de S. Pedro foi a primeira igreja na Arquidiocese de Braga a receber o título de basílica, graças ao indulto concedido pelo Breve de Benedito XIV em 1751. A Igreja, de formas simples, que acolhe a imagem do padroeiro, começou a ser construída em 1737 e posteriormente benzida, em 1750. Em 1881, reiniciam-se as obras com a demolição das estruturas provisórias e das casas em frente ao corpo da Igreja. Os trabalhos terminariam nos inícios do séc. XX, sendo apenas construída uma das duas torres previstas. A Igreja, de planta longitudinal, possui capela-mor e nave única retangulares. A capela-mor é separada da nave por arco de cruzeiro de volta perfeita e nela se destaca um retábulo de talha azul e dourada.

Tel. (+351) 253 410 888



17 MUSEU ARQUEOLÓGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

A Sociedade Martins Sarmento é uma instituição cultural de natureza privada, sem fins lucrativos, que foi fundada em 1881 em homenagem ao arqueólogo vimaranense Francisco Martins Sarmento. A sua sede é um imponente edifício, em estilo neoclássico, projetado pelo arquiteto Marques da Silva, onde estão instalados o mais antigo Museu Arqueológico português e uma magnífica Biblioteca Pública dotada de uma notável secção de livros acerca de Guimarães. O Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento, um dos espaços de referência da história da arqueologia em Portugal, foi fundado em 1885, e do seu acervo destacam-se materiais castrejos e romanos, fruto de escavações realizadas na região, especialmente das



que tiveram lugar na Citânia de Briteiros. Desde 1888 que está instalado no claustro do antigo Convento de S. Domingos.

O Museu reúne importantes coleções de arqueologia, numismática, etnografia e arte contemporânea. É em 2003 que a Sociedade Martins Sarmento inaugura, em Briteiros, o Museu da Cultura Castreja. Neste museu, pode ser encontrado parte do espólio arqueológico da Citânia de Briteiros, do Castro de Sabroso e de outros sítios castrejos da região.

Tel. (+351) 253 415 969
www.csarmento.uminho.pt



**18 PLATAFORMA DAS ARTES
E DA CRIATIVIDADE - CENTRO
INTERNACIONAL DAS ARTES
JOSÉ DE GUIMARÃES**

Inaugurada a 24 de junho de 2012, a Plataforma das Artes e da Criatividade nasceu dum projeto cujo objetivo residiu na transformação do antigo Mercado de Guimarães num espaço multifuncional dedicado à atividade artística, cultural e económico-social. Para além de uma magnífica





praça de usufruto público, este equipamento possui uma série de valências e espaços dedicados a três grandes áreas programáticas: o Centro Internacional das Artes José de Guimarães (CIAJG), os Ateliês Emergentes e os Laboratórios Criativos.

O CIAJG, que recebe o nome do artista vimaranense José de Guimarães, é uma estrutura dedicada à arte contemporânea e às relações que esta estabelece com a arte de outras épocas. Local onde se podem encontrar diferentes culturas e disciplinas, o CIAJG acolhe no seu espólio três coleções reunidas por José de Guimarães ao longo de cinquenta anos – Arte Tribal, Arte Africana e Arte Arqueológica Chinesa e Pré-Colombiana –, bem como obras da autoria do artista. Estas coleções estão em diálogo com peças de outros artistas contemporâneos e objetos do património popular, religioso e arqueológico da região.

A Plataforma das Artes e da Criatividade tem sido galardoada com diversos prémios. Em 2012, venceu o prémio internacional de arquitetura "Detail Prize 2012". Em 2013, recebeu o Prémio Nacional de Reabilitação Urbana, na categoria de "Impacto Social", e foi distinguida com o prémio "Red Dot Design Award 2013".

Tel. (+351) 253 424 715
www.ciajg.pt





19 CASA DA MEMÓRIA

Situada na antiga fábrica de plásticos Pátria, na Av. Conde Margaride, a Casa da Memória, é um local de encontro, partilha e reflexão dos vimaranenses com e sobre as suas raízes, tradições e memórias. Aqui poderá encontrar histórias, documentos, factos e objetos que permitem conhecer diferentes aspetos da comunidade vimaranense através de um largo arco temporal: da Pré-História à Fundação da Nacionalidade, das Sociedades Rurais à Industrialização do Vale do Ave e à Contemporaneidade. Através de uma leitura cronológica da História é ainda possível conhecer os marcos que modelaram a região. Mais do que uma



visita contemplativa, a Casa da Memória oferece aos visitantes uma experiência. Venha conhecer e mergulhar na essência da comunidade viva que identifica e distingue Guimarães.

Tel. (+351) 253 424 716
<http://www.casadamemoria.pt>





20 RUA D. JOÃO I

A Rua D. João I, outrora a entrada na cidade para quem chegava do Porto, foi uma das ruas mais movimentadas de Guimarães. O seu ambiente, algo escuro e sombrio, tem a marca do tempo e resulta da estreiteza da rua e das casas antigas com varandas de balaústres em madeira. Na Rua D. João I podem admirar-se dois importantes monumentos da cidade: o Padrão de D. João I, obra do séc. XVI – que no séc. XIX é ligeiramente deslocado do seu local inicial –, e o edifício da Venerável Ordem Terceira de S. Domingos, do séc. XIX, começado a construir em 1836 e solenemente inaugurado em 1840.



21 IGREJA E CLAUSTRO DE S. DOMINGOS MONUMENTO NACIONAL

As origens da igreja de S. Domingos remontam à construção do primeiro mosteiro dominicano em Guimarães, erigido entre 1271 e 1278. Mais tarde, por ordem de D. Dinis, o edifício muda de local, num processo que termina apenas em 1397. Durante os sécs. XVIII e XIX, a traça original do edifício é profundamente alterada, juntando-se, aos elementos góticos, reminiscências barrocas e românicas. Depois de algumas extinções, demolições, aquisições e cedências, o Santíssimo Sacramento da Igreja de S. Paio é para aí conduzido. Por esse facto, é investida, em 1914, como igreja paroquial da freguesia de S. Paio, sendo classificada, em 1959, como imóvel de interesse público. A sua sacristia encontra-se musealizada. De referir ainda que o claustro de S. Domingos é monumento nacional, desde 1910.



Tel. (+351) 253 414 389



22 IGREJA DAS DOMÍNICAS

Apontamentos da história de Guimarães referem a existência de um antigo templo construído para evocar o mártir S. Sebastião, que terá existido no Campo de S. Francisco até 1570, no local onde, por essa altura, foi erigida a igreja. Com a extinção das ordens religiosas e com a demolição da igreja paroquial, em 1892, é a igreja de S. Sebastião que passa a ocupar o antigo convento de Santa Rosa de Lima, construído entre 1727 e 1737. Do conjunto patrimonial, destacam-se o altar-mor em talha dourada, no topo da igreja – construído nos anos de 1741–42 –, dois altares laterais em talha dourada e policromada, de 1745, o altar do séc. XX que consagra a imagem de S. Sebastião, em estilo neoclássico, o órgão joanino, construído em 1776 em talha dourada e policromada, e um conjunto de sanefas em talha dourada do período joanino.

Tel. (+351) 253 420 000



23 IGREJA DE S. FRANCISCO

A Igreja de S. Francisco, que fez originalmente parte do Convento de S. Francisco, nasceu junto da muralha medieval. D. Dinis, em 1325, ordenou a sua destruição, sendo necessários 75 anos para que o rei D. João I autorizasse a sua reedificação, no local onde hoje a podemos ver. O interior da igreja revela um estilo proveniente das grandes reformas setecentistas, com a presença de uma rica decoração em talha e azulejaria que transformou o sóbrio templo franciscano numa igreja ao gosto barroco. Com a extinção das ordens religiosas, em 1834, a igreja foi cedida à Ordem Terceira de S. Francisco. Numa das capelas interiores, encontram-se os restos mortais de S. Gualter, um dos primeiros franciscanos e evangelizadores da região. No seu interior, podem ser apreciadas inúmeras obras de arte de escultura, pintura, entalhe e arte sacra, sobressaindo obras de autores consagrados como Soares dos Reis, Giuseppe Berardi e Roquemont. Uma visita à sacristia torna-se



obrigatória para apreciar uma mesa de mármore, com embutidos coloridos, ao estilo renascença italiana.

Tel. (+351) 253 439 850



24 IGREJA DE N. SRA. DA CONSOLAÇÃO E SANTOS PASSOS

As origens da Igreja de N. Sra. da Consolação e Santos Passos remontam ao séc. XVI, quando uma pequena ermida, dedicada a Nossa Senhora da Consolação, é mandada construir. Em 1785, a nova igreja é concluída. Da autoria de André Soares, revela-se um exemplar de espacialidade barroca, onde se acrescentaram, um século depois, duas torres, a escadaria e a balaustrada. Esta igreja é popularmente conhecida como Igreja de S. Gualter, pois ela é o centro das celebrações das Festas Gualterianas. No decurso do séc. XIX, é construída a Casa do Despacho e a Capela do Senhor dos Passos, anexa à igreja. Em dezembro de 1594, em virtude do culto a Nossa Senhora da Consolação, Frei Agostinho de Jesus determina a ereção canónica a Irmandade. Em 1878, é agraciada pelo Rei D. Luís I com o título de Real Irmandade e prerrogativas de Capela Real.

Tel. (+351) 253 416 310





se mantivesse ativa até meados do século. Em julho de 1977, a Zona de Couros é classificada como Imóvel de Interesse Público, no que constituiu a primeira iniciativa legislativa do género realizada em Portugal em torno da arqueologia industrial. Esta classificação vem reconhecer a importância da atividade e contribuir para a preservação dos vestígios desta indústria local. Na Zona de Couros, existem diversos edifícios que foram construídos para a instalação de fábricas destinadas à transformação das peles em couros, com os seus típicos secadouros e tanques de tinturaria. Nos últimos anos, Guimarães tem vindo a apostar na requalificação do espaço público. Em Couros, reabilitaram-se antigas fábricas e edifícios, conferindo-se-lhes um novo uso. Aí se instalaram novos equipamentos e serviços como a Pousada da Juventude, o Instituto de Design, o Centro de Formação Avançada e Pós-Graduada e o Centro de Ciência Viva.

25 ZONA DE COUROS



Em Guimarães, a Indústria dos Curtumes, que remonta à Idade Média, desenvolveu-se com sucesso até meados do séc. XX, fazendo da cidade uma referência nacional no setor. No séc. XIX, a atualmente designada Zona de Couros foi um núcleo privilegiado da indústria de transformação de peles, onde se manteve uma produção baseada nas técnicas tradicionais e no trabalho manual. Ainda que pouco significativas, as primeiras tentativas de inovação e modernização dos processos de produção surgiram apenas nos inícios do séc. XX, fazendo com que esta indústria



26 CENTRO DE CIÊNCIA VIVA

“Guimarães, cidade de monumentos, cultura e tradições, acolhe, desde dezembro de 2015, o Curtir Ciência – Centro Ciência Viva. Instalado na Zona de Couros, na Antiga Fábrica de Curtumes Âncora – daí a opção pela designação “Curtir Ciência” –, assume-se como um novo pólo de atração. Resultado da parceria entre a Câmara Municipal de Guimarães, a Universidade do Minho e a Rede Nacional Ciência Viva (que coordena 20 centros em todo o país), o “Curtir Ciência” oferece uma exposição permanente com módulos interativos que abrangem áreas como Eletrónica e Instrumentação, Robótica,

Reciclagem, Engenharia ou Comunicações, sem esquecer a evocação da atividade pré-industrial dos curtumes. Lado a lado, numa zona emblemática da cidade, coexistem a memória de uma atividade milenar e as novas tecnologias ao serviço da Ciência”.

Tel. (+351) 253 510 830
<http://ccvguimaraes.pt>





27 CENTRO CULTURAL VILA FLOR PALÁCIO VILA FLOR

A construção do Palácio Vila Flor data de meados do séc. XVIII. Decorado com estátuas em granito dos primeiros reis de Portugal, o palácio está voltado para um belíssimo jardim em três patamares, onde se mantiveram intactos os jardins de buxo, considerados dos melhores da região, que se desdobram em socalcos fronteiros à sua fachada norte. O palácio acolheu, em 1852, a visita da Rainha D. Maria II, aquando da sua visita a Guimarães. Posteriormente, em 1884, aí se realizou a Exposição Comercial e Industrial do Concelho de Guimarães. O palácio viria a beneficiar de obras de restauro que terminaram em 2005 e que coincidiram com a inauguração do Centro Cultural Vila Flor, a 17 de setembro. O Centro Cultural Vila Flor é atualmente um espaço de referência no panorama cultural nacional. O edifício, projetado de raiz para a apresentação de espetáculos de índole



cultural, possui estruturas da mais alta qualidade capazes de permitir diversas utilizações num conjunto vasto de disciplinas e géneros artísticos. A sua programação é regular, eclética e diversificada, assentado num estética contemporânea.

O CCVF possui dois auditórios, quatro salas de reuniões, uma área expositiva de 1000 m², restaurante, café concerto e parque de estacionamento.

Tel. (+351) 253 424 700
www.ccvf.pt

**MAIS
GUIMARÃES**



28 TELEFÉRICO DE GUIMARÃES

Único na região norte, o Teleférico de Guimarães viaja num percurso de 1.700 metros, vencendo, em cerca de 10 minutos, os 400 metros de altitude que separam a cidade da Montanha da Penha. Bem no centro de Guimarães, com ótimos acessos e parque de estacionamento para ligeiros e autocarros, o teleférico transforma uma visita a Guimarães num momento inesquecível. A Montanha da Penha constitui um dos grandes pontos de atração turística de Guimarães, quer pela paisagem natural, quer pelos vários equipamentos e serviços disponíveis ao visitante. De referir que o teleférico está equipado de modo a permitir o transporte de bicicletas.

Tel. (+351) 253 515 085
www.turipenha.pt



29 MONTANHA DA PENHA

Com cerca de 60 hectares de área verde, um santuário, capelas, grutas e magníficas paisagens, a montanha da Penha é uma das mais extensas áreas de contacto com a natureza, em Guimarães. A montanha da Penha proporciona ao visitante uma ampla oferta de espaços e serviços. Para além do Santuário de Nossa Senhora do Carmo da Penha, encontramos um vasto conjunto de equipamentos, destacando-se um parque de campismo de montanha, um hotel, um campo de mini-golfe, circuitos de manutenção, áreas de passeio e pic-nic, restaurantes, bares, esplanadas e amplas áreas de estacionamento. Pode ainda aventurar-se na descoberta das inúmeras grutas e desfrutar das espetaculares paisagens que os miradouros naturais lhe proporcionam.

Nossa Senhora da Penha – Grande Peregrinação
2º domingo de setembro

Tel. (+351) 253 414 114
www.penhaguimaraes.com/pt



30 IGREJA E CONVENTO DE SANTA MARINHA DA COSTA

O Convento de Santa Marinha da Costa foi fundado, em 1154, pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques. No edifício, destacam-se os azulejos de tapete (séc. XVII) e os azulejos historiados que tornaram famosa a Varanda de Frei Jerónimo. O seu jardim constitui um notável conjunto paisagístico, tendo origem na antiga cerca do Mosteiro da Costa, fundado no séc. XII. A cerca – um domínio murado com mata de carvalhos e castanheiros, pomar, horta, tanques e moinhos – constitui uma fonte de recursos e um local de recreio e meditação. Em 1951, na sequência de um incêndio, foi completamente abandonada. Em 1985, o Estado adquire o convento, transformando-o numa pousada e recuperando o jardim e o parque como espaços de lazer.

Tel. (+351) 253 511 249
www.pousadas.pt

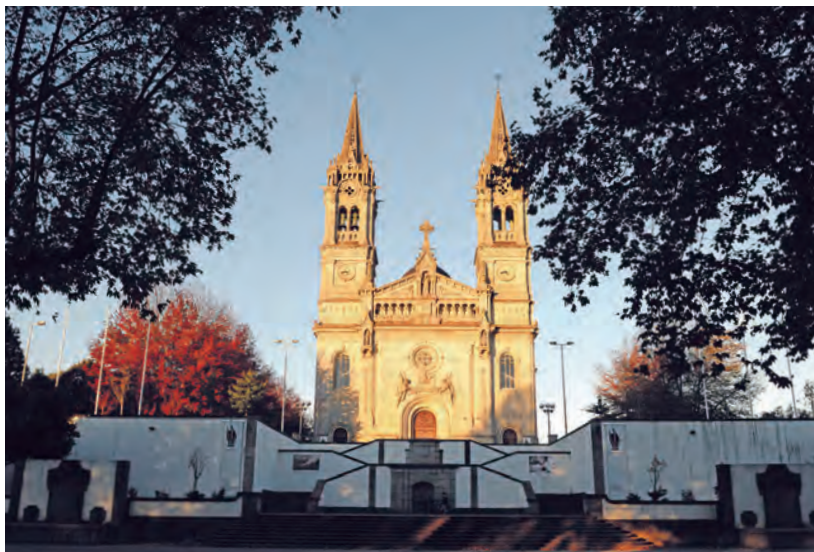


31 IGREJA DE SERZEDELO MONUMENTO NACIONAL

A construção do conjunto monumental de Santa Cristina de Serzedelo perde-se no tempo. Templo românico do séc. XII, pertenceu aos Templários e, mais tarde, ao Convento dos Eremitas de Santo Agostinho, passando depois para a comenda da ordem de Cristo. De grande austeridade arquitetónica, com características românicas, provavelmente dos sécs. XII e XIII, foi restaurado em meados do séc. XX. A igreja tem nave e capela-mor retangulares, cobertura de madeira e uma “anteigreja” destinada a espaço funerário. Foi profundamente decorada com frescos, sendo especialmente digno de menção o fresco da Anunciação. O seu campanário, do séc. XIII, no espaço envolvente, confere um aspeto peculiar à fachada principal.

Festa das Cruzes – 1.º fim de semana de maio

Tel. (+351) 253 532 455



32 VILA E BASÍLICA DE SÃO TORCATO

S. Torcato é uma vila predominantemente rural, situada na margem esquerda do Rio Selho, rio onde podemos encontrar um conjunto de moinhos com vários séculos de existência, dos quais alguns ainda se encontram em funcionamento. Falar de S. Torcato é falar da sua basílica, um edifício em granito, de finais do séc. XIX, com elementos de inspiração gótica, românica e clássica. No interior da igreja, encontra-se o corpo incorrupto de S. Torcato, um dos primeiros evangelizadores da Península Ibérica no séc. VIII. Contudo, S. Torcato não é o só o seu santuário. A Igreja do Mosteiro de S. Torcato – Monumento Nacional – é uma construção de raiz visigótica. Sofreu alterações no séc. XII e foi ampliada durante o séc. XIX. Hoje, ainda se mantêm alguns elementos

da antiga construção românica. O Museu da Vila de S. Torcato, junto ao Mosteiro, apresenta um espólio muito diversificado ligado à vivência da região, à fé do seu santo e ao seu Mosteiro. S. Torcato é também rica em festas e famosa pelo seu folclore. Em S. Torcato, realiza-se, desde 1852, no 1º domingo de julho, uma das maiores e mais concorridas romarias do Minho: a Romaria Grande de S. Torcato.

Feira dos 27 – 27 de fevereiro;
Linhal da Corredoura | Festa do Linho – 3º
sábado de junho;
Romaria Grande – 1º fim de semana de julho;
Feira da Terra – 2º fim de semana de julho

Tel. (+351) 253 551 150



33 VILA DAS TAIPAS

A vila de Caldas das Taipas foi, desde sempre, um local muito movimentado e dinâmico. A vila dispõe de vários atrativos, entre os quais se destaca uma antiga estância termal. A utilização terapêutica das suas águas remonta ao Império Romano. A comprová-lo, podemos encontrar, junto à Igreja Matriz da vila, um enorme bloco de granito – Pedra ou Ara de Trajano – com uma extensa inscrição em latim, dedicada ao imperador romano Trajano Augusto, que atesta a procura e utilização, durante a época imperial, destas águas medicinais.

A poucos quilómetros do centro da vila estão localizadas as estações

arqueológicas do Castro de Sabroso e da Citânia de Briteiros. Esta última é um dos mais significativos exemplos de “Cultura Castreja” do nosso país e prova exemplar da existência de povoados pré-romanos nesta região. O visitante pode ainda desfrutar de um parque junto ao rio, abundantemente arborizado, com várias infraestruturas desportivas e de lazer (courts de ténis, piscinas, circuito de manutenção, parque de campismo e praia fluvial). A indústria, nomeadamente a das Cutelarias, está fortemente implantada nesta vila, sendo simultaneamente um dos seus principais cartões de visita e importante fator de desenvolvimento.

34 BANHOS VELHOS

O conjunto de Banhos Velhos, que foi explorado desde os finais do séc. XVIII como um estabelecimento termal, já não se encontra em funcionamento há longos anos. De facto, após a intervenção de requalificação a que foi sujeito, apresenta-se como um local de oferta lúdica e cultural.

Desde o dia da sua inauguração, a 24 de junho de 2010, aí se realizam concertos de música clássica, música rock, ciclos de cinema ao ar livre, exposições, debates, sessões de teatro, entre outras atividades. O forte da programação concentra-se entre os meses de abril e setembro, período em que os visitantes da Vila das Taipas podem desfrutar de uma agenda cultural eclética.





35 TAIPAS TERMAL

As Termas das Taipas são uma estância termal recomendada para o tratamento de afeções do aparelho respiratório (vias aéreas superiores), reumáticas, músculo – esqueléticas e da pele –, que conjuga a tradicional vertente clássica do termalismo com a mais recente vertente de Bem-Estar. Na ala do termalismo clássico estão disponíveis técnicas de tratamento como o banho de hidromassagem e de bolha de ar ou o duche de agulheta e de vichy. Para o tratamento e alívio de problemas associados às vias respiratórias, as termas proporcionam irrigações, pulverizações, nebulizações e aerossóis. Se o objetivo

for relaxar e repor energias, o Spa Termal é então a melhor escolha. De um vasto conjunto de mimos para o corpo, individuais ou combinados em programas, o destaque vai para a massagem geotermal (com pedras quentes), aromaterapia e chocoterapia (para os viciados em chocolate), bem como para os programas anti-celulíticos e reafirmantes. Um verdadeiro tónico não só para o corpo mas também para a alma...

Tel. (+351) 253 577 845
www.taipastermal.com



36 MUSEU DE CULTURA CASTREJA

O Museu da Cultura Castreja está instalado no Solar da Ponte, propriedade da Sociedade Martins Sarmento, num edifício cuja construção remonta ao séc. XVIII e que serviu de residência à família de Francisco Martins Sarmento. Este respeitado investigador, que alcançou nível europeu, tinha a Arqueologia e a História como uns dos seus principais interesses, tendo estudado as ruínas de uma cidade a que chamavam de Citânia. O Museu da Cultura Castreja é o primeiro espaço dedicado à cultura castreja. Esta cultura autóctone apenas existiu no noroeste peninsular, constituindo-se como matriz cultural desta faixa atlântica da Península Ibérica. O museu evidencia a importância dessa cultura.

Tel. (+351) 253 478 952
www.csarmento.uminho.pt



37 CITÂNIA DE BRITEIROS MONUMENTO NACIONAL

As ruínas arqueológicas de Briteiros são uma prova extraordinária da existência de um importante povoado primitivo, de origem pré-romana, pertencente ao tipo geral dos chamados “castros” do noroeste de Portugal. Evidenciam nitidamente caracteres da cultura castreja, ainda que fortemente romanizados no começo da era cristã.

Martins Sarmento, etnólogo e arqueólogo célebre, nascido em Guimarães em 1833, ocupou-se do estudo científico destas ruínas, tendo dado um contributo decisivo para a sua divulgação, estudo e estado de conservação.

As numerosas construções, de vários tipos, dispostas um pouco livremente, mas obedecendo, contudo, a um ainda insipiente esquema urbanístico, oferecem pistas impressionantes e muito objetivas para o conhecimento daquelas gentes tão remotas, alcandoradas no cimo dos montes e mesmo assim protegidas por várias cinturas de muralhas, cujos extensos panos ainda hoje se podem admirar. O espólio arqueológico destas ruínas encontra-se exposto, em Guimarães, no Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento.

Tel. (+351) 253 478 952
www.csarmento.uminho.pt

SABIA QUE...



Existe uma réplica da estátua de **D. Afonso Henriques** de Soares dos Reis, no Castelo de S. Jorge, em Lisboa, que foi inaugurada, em 1947, aquando da comemoração dos 800 anos da Conquista de Lisboa aos mouros. D. Afonso Henriques faleceu no ano de 1185, com a idade de 76 anos, o que faz dele o rei português com o reinado mais longo.



Desde a Idade Média, Guimarães tem vindo a afirmar a sua presença nos **Caminhos de Santiago** como local de passagem/paragem de peregrinos. A importância de Guimarães revela-se através da veneração a Nossa Senhora da Oliveira, comprovada pelo dito popular “Quem for a Santiago e não

visitar a Senhora da Oliveira, não faz romaria verdadeira”. De Guimarães a Santiago de Compostela são cerca de 215 quilómetros, facto que coloca Guimarães como ponto de partida preferencial para quem pretende cumprir os requisitos para a solicitação da credencial do peregrino (realização dos últimos 100km do percurso a pé ou a cavalo ou os últimos 200km em bicicleta). Antes de iniciar o Caminho, é necessário carimbar a credencial no posto de turismo.



Em 1836, um dos membros da Sociedade Patriótica Vimaranesense defendeu a demolição do **Castelo de Guimarães** e a utilização da sua pedra para ladrilhar as ruas de Guimarães. A justificação foi a de que o castelo tinha servido como prisão política ao tempo de D. Miguel (1828–1834). Embora tal proposta não tenha sido aceite, com quatro votos a favor e quinze contra, o assunto levantou acesa discussão.



Em setembro de 1769, o Arcebispo D. Gaspar proibia as freiras do **Convento de Santa Clara** de fazerem doces de forno para venda. A proibição total deveria vigorar do dia de Santa Teresa, 15 de outubro, até aos Reis, 6 de janeiro. Aparentemente, o Arcebispo considerava que as freiras passariam demasiado tempo a produzir doces e pouco tempo a cumprir as suas obrigações religiosas. Outra versão tem o povo, que diz ser o incómodo do Arcebispo motivado pelo facto dessa atividade comercial ser muito lucrativa.



A origem da Casa dos Coutos, atual **Tribunal da Relação de Guimarães**, nasce de uma desavença entre o arcebispo de Braga, D. José de Bragança, filho bastardo de D. Pedro II e irmão do rei D. João V, com o Cabido da Sé de Braga. Desta desavença resulta a

intenção do Arcebispo de transferir o prelado e instalar o seu Paço Episcopal na vizinha e rival cidade de Guimarães. No entanto, o prelado ficou pouco tempo em Guimarães – de dezembro de 1746 a janeiro de 1749 –, retomando a sua residência no arcebispado de Braga, após a resolução do diferendo que tinha originado a provocatória decisão de transferência.



A **estátua das duas caras**, que se encontra nos antigos Paços do Concelho, está na origem da associação dos Vimaraneses ao epíteto de povo com “duas caras”, uma associação carregada de sentido depreciativo que subentende uma duplicidade de caráter dos de Guimarães. Como correção a esta interpretação, apresenta-se a tradição que associa a representação das duas caras a um feito militar na conquista de Ceuta. As tropas portuguesas estavam organizadas em contingentes de diferentes cidades.

Perante o fraquejar das tropas de Barcelos, os de Guimarães assumiram a defesa das duas posições (as duas caras). Como consequência, o Rei castigou os de Barcelos, condenando dois vereadores à tarefa de varrer as ruas de Guimarães em vésperas de dias festivos. Deveriam fazer-se acompanhar por uma vassoura, usar um barrete vermelho e ter um pé descalço. Este castigo vigorou até finais do séc. XVI.



O antigo **sistema de alarme do Centro Histórico**, do séc. XIX, pode ser encontrado em caixas de ferro fundido colocadas nas laterais de algumas igrejas da cidade.

Nas suas tampas, pode ser encontrada a gravação dos números das estações, a que corresponde uma área específica da cidade que era do conhecimento geral da população. As caixas, fechadas à chave, tinham no seu interior um puxador ligado ao sino da torre. Cada uma destas caixas estava sob a responsabilidade de uma pessoa, e a sua utilização indevida, ou falta de acionamento em caso de emergência, acarretaria pesadas multas. O sino tocava o número correspondente à estação onde ocorria a emergência, normalmente incêndios, o que permitia à população acorrer à emergência. O sino calar-se-ia apenas após a resolução da emergência.



Conta a **lenda da Senhora da Oliveira** que, no séc. XIV, no hoje chamado Largo da Oliveira, em Guimarães, existia uma oliveira trazida de S. Torcato. A oliveira terá secado, assim permanecendo até ter sido colocada, junto a ela, uma cruz que ainda hoje se levanta debaixo do padrão. Três dias depois, a oliveira reverdece, deitando novos rebentos.

O povo atribui esse facto a um milagre em honra de Nossa Senhora da Vitória que, desde então, passa a ser chamada de Nossa Senhora da Oliveira. A oliveira do milagre permaneceu na praça aproximadamente até 1870, data em que foi removida por decisão da Câmara Municipal de Guimarães. Todavia, em 1985, aquando do último restauro da praça, uma oliveira volta a ocupar o lugar da árvore original. No polígono de pedra que a envolve, encontram-se assinaladas as três datas mais importantes da sua história: 1342, 1870 e 1985. A oliveira faz parte da história da cidade, sendo um dos elementos integrantes do seu brasão.



A cada ano, no dia 13 de dezembro, celebra-se a **Festa de Santa Luzia** ou o **Arraial das Passarinhas**. A festividade, para além de momento de cumprimento de promessas, é também conhecida como a festa dos namorados. Uma das peculiaridades da Festa de Santa Luzia é a venda de diversas figuras feitas numa massa de centeio ou trigo, revestidas a açúcar e enfeitadas com papel, das quais se destacam as Passarinhas

e os Sardões. São estas figuras que os namorados, ou pretendentes a namorados, trocam entre si nesse dia. Este ritual faz a aproximação entre os apaixonados e pretende confirmar se o amor do rapaz é correspondido. Para tal, à entrega do Sardão pelo rapaz deverá corresponder a entrega da Passarinha pela rapariga.



Com mais de 300 anos, e consideradas das festas mais antigas de Guimarães e das festas académicas mais antigas da Europa, as **Festas Nicolinas** representam um testemunho intangível do património cultural vimaranense. Celebradas em honra



de S. Nicolau, e profundamente enraizadas na cultura e identidade da cidade e dos vimaranenses, as Nicolinas decorrem entre 29 de novembro e 7 de dezembro e são as festas dos estudantes de Guimarães. Os festejos incluem diversas atividades, das quais se destaca o Pinheiro, na noite de 29 de novembro, uma celebração coletiva que marca o início das festas, enchendo as ruas da cidade de Guimarães com dezenas de milhares de participantes de todas as idades. No Pinheiro toca-se bombo ou caixa durante um longo desfile que transporta um pinheiro, puxado por um carro de bois, que depois é erguido no centro da cidade.

O cartaz das Nicolinas inclui ainda as Novenas, de 1 a 7, as Posses, no dia 4, o Pregão de São Nicolau, no dia 5, as Maçazinhas e as Danças de São Nicolau, no dia 6, o Baile Nicolino, no dia 7, e ainda a roubalheira, cuja data não é fixa nem divulgada.

<https://nicolinas.pt>